

ESPECIAL

Heranças Nordestinas

Conheça elementos culturais de
cada estado do Nordeste e aprenda a
combater a xenofobia em sala de aula



ÍNDICE

Introdução: Combate ao preconceito	3
Heranças Culturais	8
Maranhão	9
Piauí	12
Ceará	15
Rio Grande do Norte	18
Paraíba	21
Pernambuco	24
Alagoas	27
Sergipe	30
Bahia	33
O novo, o velho e o legado nordestino	36
Créditos	41

Quer conhecer mais?

Esse material faz parte da reportagem

Combate à xenofobia: escola tem papel

importante na valorização do Nordeste. Se

quiser acessar outros materiais e conteúdos

pedagógicos gratuitos para sua escola, acesse

novaescola.org.br

Conhecimento como arma para combater o preconceito

Nas salas de aula de todo o Brasil, a xenofobia contra os nordestinos pode se expressar de diversas formas. Por meio do bullying sofrido por crianças de origem nordestina que vivem em outras regiões do país ou do silenciamento que a história impõe à cultura do Nordeste nos livros didáticos, passando pelo preconceito linguístico e formação inicial que não prepara o professor para abordar a temática.

Apesar de todos esses desafios, é possível fazer da sala de aula um lugar de combate ao preconceito. Trazer autores, artistas, cientistas e figuras históricas nordestinas para as aulas é um bom passo. Outra estratégia interessante é valorizar a cultura popular nordestina.

Professora de Geografia dos Anos Finais do Ensino Fundamental na Escola Estadual José De Alencar Cardoso, em Aracaju (SE), Paloma Santos conta que costuma abordar com seus alunos a cultura popular local, a fim de fazê-los conhecer e respeitar as próprias origens, elevando a autoestima da turma e, a partir disso, disponibilizando ferramentas para combater a xenofobia.

**“A cultura popular é a
identidade de um povo”**

Professora Paloma Santos

“A xenofobia é estrutural, às vezes, a gente nem percebe de tão normalizado que está. Mas quando se fortalece a presença, a participação dos nordestinos na sociedade, valorizando a cultura da região, a gente consegue identificar a xenofobia que aparece na TV, nas redes sociais ou no dia a dia e combatê-la”, comenta a professora.

Além da importância dos professores que atuam no Nordeste valorizarem a cultura local, docentes atuantes no Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte também têm essa missão de mostrar a diversidade cultural da região para seus alunos. Um grande desafio nesse sentido é se livrar dos estereótipos.

“Nos festejos juninos, a cultura nordestina é retratada como o caipira banguela, com roupas que não combinam, ou rasgadas e remendadas, andando torto, barrigudo, falando errado. Tudo isso reforça o preconceito contra nordestinos”, ressalta Paloma. Para quebrar esses estereótipos, porém, os professores precisam primeiro conhecer mais sobre a cultura popular dos estados que compõem o Nordeste para, depois, encontrar formas de levá-la para dentro das salas de aula.

Fazer essas conexões e incentivar o conhecimento são maneiras também de dialogar com competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso porque o documento traz, por exemplo, a necessidade de "valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva". Além disso, também traz a necessidade da "valorização das diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais".

O Nordeste brasileiro é uma região com nove estados. Se paulistas não são confundidos com cariocas, nem paranaenses com catarinenses, por que maranhenses, piauienses, cearenses, potiguares, paraibanos, pernambucanos, alagoanos, sergipanos e baianos continuam sendo tratados apenas como nordestinos?



Quando pensamos nas migrações do Nordeste para o Centro-Sul, ainda no século 20, é interessante, por exemplo, não reduzir o debate às questões de mudanças em função da seca e apresentar também a ideia de um povo levando riqueza cultural, musical, linguística e gastronômica para o restante do Brasil. A seguir, embarcamos em uma viagem pelos nove estados dessa rica região para conhecer alguns elementos da cultura popular de cada um deles. Vamos nessa?



Heranças

culturais

nordestinas

Cada estado que compõe o **Nordeste** tem história, povos e ambientes próprios, e todos possuem tradições culturais ricas que se refletem não apenas na região, mas em todo o país. Confira a seguir algumas dessas heranças culturais e convide a escola a também celebrar a pluralidade e diversidade nordestinas.

Maranhão

FESTA DO DIVINO + BUMBA MEU BOI



FESTA DO DIVINO



Bastante típica no Maranhão, a festa do Divino é um dos festejos populares mais importantes do estado, celebrado anualmente em várias cidades. A festa é realizada no mês de maio ou junho, a depender da data do Domingo de Pentecostes, já que se trata de uma festa cristã.

Nas comemorações do Divino, celebra-se o Espírito Santo que, de acordo com a tradição, desceu sobre os apóstolos de Jesus no dia de Pentecostes. Além de elementos religiosos, o festejo faz referências à monarquia com roupas típicas e danças.

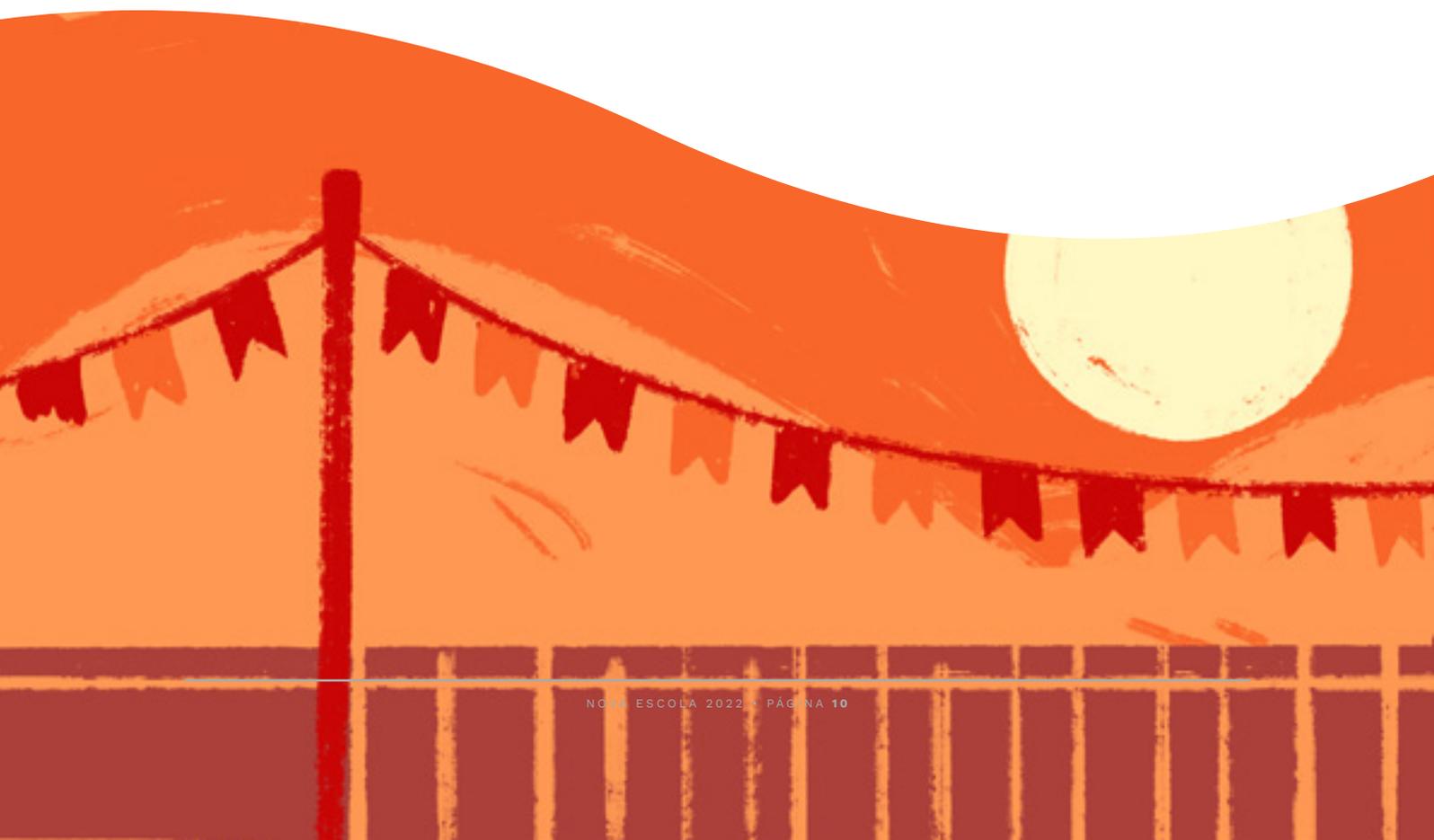




Figura conhecida do folclore, o bumba meu boi não é apenas um elemento no Maranhão, mas também uma festa. Por lá, a tradição é mantida e, nos meses de junho e julho, a população se reúne para festejos que envolvem muita cor, dança e música.

Atualmente, existem mais de uma centena de grupos de bumba meu boi no estado, que são divididos nos chamados sotaques. Essas seções se diferenciam pelas roupas, coreografias e instrumentos musicais utilizados nas músicas durante as celebrações.

Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o bumba meu boi do Maranhão é uma celebração múltipla que reúne diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo - composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, - e o plano material, composto pelos artesanatos, como os bordados do boi e confecção de instrumentos musicais artesanais, por exemplo. Em 2019, esse complexo cultural, que mistura a devoção a santos juninos e cultos religiosos afro-brasileiros, recebeu da Unesco o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Piauí



FOLGUEDOS + REISADO



ENCONTRO NACIONAL DE FOLGUEDOS



Esta é uma festa típica piauiense que acontece no mês de junho, sendo uma das mais importantes manifestações culturais do estado. Nela, há apresentações de grupos folclóricos, shows musicais e quadrilhas.



REISADO



Presente também em outras partes do país, mas muito popular no Piauí, o Reisado é festejado do Natal até o Dia de Reis. Assim como a festa do Divino maranhense, mistura aspectos culturais e religiosos.

No Reisado, se celebra o dia dos Reis Magos, que encerra as comemorações natalinas. Neste festejo, grupos fantasiados passam de casa em casa no correr das noites, dançando pelas ruas.

A festa também está presente em outros estados brasileiros, e se manifesta de diferentes formas em cada um deles. No Piauí, há personagens típicos dentre as “assombrações” presentes na festa, como o Jaraguá, a Caipora, o Lobisomem, a Piaba, a Ema, o Cabeça de Fogo e a Burrinha.

Ceará

CORDEL + MARACATU CEARENSE



LITERATURA DE CORDEL



Gênero literário muito popular no Ceará. Originado de relatos orais que posteriormente são impressos em folhetos, o cordel se utiliza muito das rimas e da métrica fixa, garantindo musicalidade aos textos.

Esse gênero é conhecido como uma poesia popular, além de carregar consigo xilogravuras típicas que ilustram as páginas dos folhetos.

Quer saber mais?

Para entender como trabalhar a literatura de cordel com os alunos, NOVA ESCOLA reuniu

15 planos de aula sobre o tema. Confira!

MARACATU CEARENSE



O maracatu é uma dança dramática de origem afro-descendente presente na cultura do estado do Ceará. Além de dança e música, a festa conta com alguns personagens que sempre marcam presença nas apresentações, como baliza, porta-estandarte, índios brasileiros e nativos africanos, negras e baianas, negra da calunga, negra do incenso, balaieiro, casal de pretos velhos, pajens, tiradores de loas e batuqueiros, todos reverenciando uma rainha negra e sua corte real.

Rio Grande do Norte

COCO DE ZAMBÊ + CONGOS DE COMBATE



COCO DE ZAMBÊ



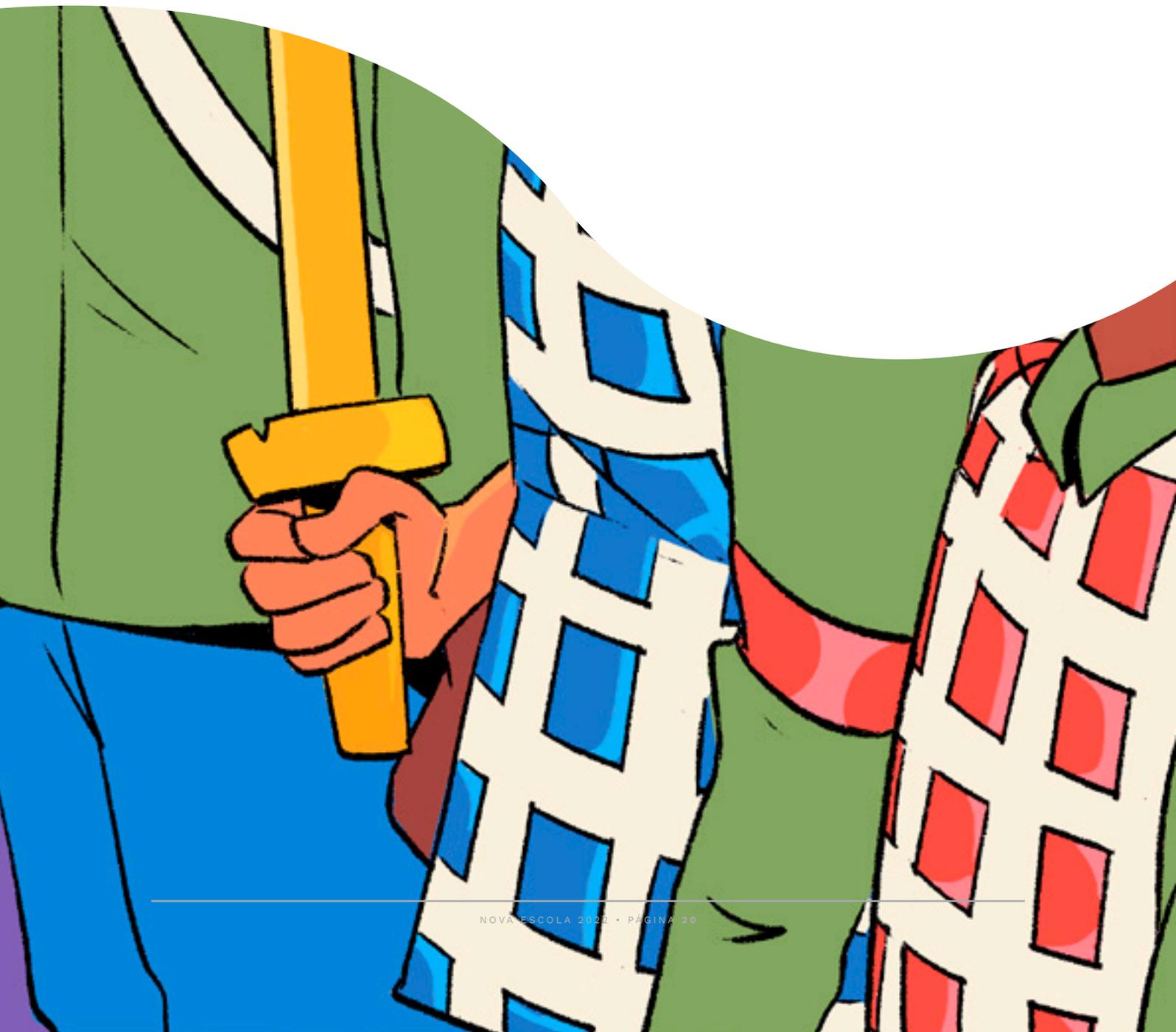
Dança típica do Rio Grande do Norte, o Coco de Zambê é caracterizado pelo canto improvisado e por tambores. O festejo funciona em uma roda, na qual os tocadores ocupam a posição central enquanto entoam cânticos.

Os demais vão entrando na roda um a um, executando passos de dança que lembram a capoeira, o afoxé e o frevo, com bastante agilidade de movimentos. Ao entrar na roda, o participante reverencia o “chefe” e, ao sair, cumprimenta outro dançarino com a “umbigada”, convidando-o a entrar na roda.

CONGOS DE COMBATE



Esta é uma prática africana que foi adaptada no Brasil pelos escravizados e filhos de escravizados. Os congos de combate contam a história de uma batalha entre dois soberanos africanos, e as apresentações têm danças, música e roupas típicas.



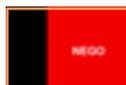
Paraíba

NEGO

SÃO JOÃO + COCO DE RODA



FESTA DE SÃO JOÃO



Conhecido em todo o Brasil, o São João da Paraíba disputa o título de maior do mundo e recebe pessoas de diferentes localidades. O evento celebra o dia de São João e também a cultural paraibana, com quadrilhas, danças típicas e shows musicais.



Historicamente ligado à luta pelo direito à terra na Paraíba, o Coco de Roda é uma dança com influência dos batuques africanos e das danças indígenas. Pode ser organizada em pares, fileiras ou círculos, e tem origem próxima à do Coco de Zambê, mais presente no Rio Grande do Norte. Além da Paraíba, o Coco de Roda se manifesta também em Pernambuco.



Pernambuco

FREVO + MAMULENGOS



FREVO



O Frevo é um ritmo musical e uma dança típicos de Pernambuco, que se manifesta sobretudo durante o Carnaval. A música tem elementos de marcha, maxixe, dobrado e polca, enquanto a dança carrega influências da capoeira.

MAMULENGOS



Os mamulengos são fantoches típicos do estado de Pernambuco. Historicamente, as apresentações com os bonecos aconteciam em praças públicas e, muitas vezes, tinham temas cristãos.

Além da influência religiosa, os mamulengos também são usados para retratar situações cômicas ou fazer sátiras, carregando humor. Em 2015, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu os mamulengos como patrimônio cultural imaterial.



Alagoas

CAPOEIRA + CAVALHADAS



CAPOEIRA



Há algumas versões sobre a origem da capoeira. Uma das mais aceitas, porém, é que ela tenha se consolidado no Quilombo dos Palmares, hoje território de Alagoas, como uma forma de luta dos escravizados.

Com o tempo, a prática acabou misturando além da luta, esporte, dança, cultura popular, música e brincadeira. A capoeira é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, executados em rodas. Instrumentos musicais como berimbau, pandeiro e atabaque, além de cantos, também fazem parte da capoeira.

CAVALHADAS



Carregando influência portuguesa, as cavalhadas também são típicas em Alagoas. São encenações teatrais que duram dias, nas quais, nas quais os personagens representam cavaleiros em batalhas.

Sergipe



DANÇA DE SÃO GONÇALO + FOLCLORE



DANÇA DE SÃO GONÇALO



Realizada em homenagem a São Gonçalo de Amarante, o festejo da dança de São Gonçalo conta com música e coreografias feitas para pagar promessas e agradecer graças alcançadas. O festejo carrega bastante influência portuguesa e os participantes utilizam roupas típicas.

FOLCLORE



Com uma mistura de culturas portuguesa e africana, o Sergipe tem um dos folclores mais ricos do Brasil. Além do tradicional Reisado, o estado também conta com grupos folclóricos que mantêm vivas inúmeras tradições, se apresentando em diversas datas ao longo do ano.

Um exemplo são os cangaceiros, grupos que utilizam roupas típicas para lembrar os personagens históricos. Outro é a Chegança, manifestação artística de origem lusitana e cunho teatral que reúne danças e música em frente a igrejas, representando as lutas travadas entre mouros e cristãos.

Bahia

OLODUM + MACULELÊ



OLODUM



Parte essencial da cultura baiana, o Olodum é uma banda, bloco e escola de tambores afro-brasileira que fica na capital Salvador. As apresentações do grupo costumam acontecer no Pelourinho.

Além de música e cultura, o Olodum hoje tem também um importante trabalho social, desenvolvendo ações contra a discriminação social e racial.

MACULELÊ



Esta é uma dança folclórica típica da Bahia, que carrega influências africanas e indígenas. Na coreografia, os dançarinos simulam uma luta tribal usando bastões. O desenvolvimento da dança está ligado à cidade de Santo Amaro da Purificação e, conforme pesquisas, veio das fazendas de canaviais para a cidade.

Quer ver mais?

Conheça mais sobre o maculelê e outras danças e veja possibilidades de abordagem.

O novo, o velho e o legado nordestino

*Pois o que pesa no Norte,
pela lei da gravidade
Disso Newton já sabia, cai
no Sul grande cidade
São Paulo violento, corre o
rio que me engana
Copacabana, Zona Norte
E os cabarés da Lapa
onde eu morei*

A canção “Fotografia 3x4”, lançada por Belchior em 1976, retrata um pouco da vivência do migrante nordestino no Sudeste, assim como várias outras músicas lançadas nesta época. Apesar de demonstrarem a xenofobia sofrida pelos que se mudavam, retratavam também a saudade de casa.

E foi sentindo esta saudade que os nordestinos ajudaram a construir o Brasil que temos hoje. Os fluxos migratórios do Nordeste para as demais regiões do país, ocorridos no século passado, foram importantíssimos para o desenvolvimento do país como um todo.

No Sul e no Sudeste, nordestinos contribuíram com a industrialização; no Centro-Oeste, participaram da construção de Brasília; e no Norte, foram essenciais para o Ciclo da Borracha, ainda no século XIX.

Mas o que os nordestinos levaram para o restante do Brasil não foi apenas força de trabalho, mas também cultura. Alguns especialistas já se apropriam do termo diáspora nordestina em vez de migração nordestina. Isso porque o termo diáspora carrega também a noção de povos que saem de suas sociedades e mantêm e recriam suas culturas em outras.

Foi exatamente o que aconteceu nesse caso. Ao chegarem em outros estados, populações vindas do Nordeste se esforçaram para manter suas raízes. Nesse sentido, é possível falarmos em uma espécie de migração cultural, que atingiu todos os cantos do Brasil.

Culinária, cultura popular, música e religião originárias do Nordeste estão hoje presentes no cotidiano de todos os brasileiros. O candomblé é um dos exemplos: uma das religiões de matrizes africanas mais difundidas em todo o Brasil, ela surgiu na Bahia, em meados do século XIX.

No que diz respeito à música, o forró é um gênero musical que se popularizou em todos os estados brasileiros - e até mundo afora - , mas que surgiu no Nordeste, mais especificamente em Pernambuco. A disseminação foi tão grande que, em 2021, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu o forró como patrimônio histórico e artístico nacional.

Na culinária, um alimento tipicamente nordestino que se popularizou em todo o país foi a tapioca, que ganhou diversas versões. Outros pratos locais, como o baião de dois, alcançaram tanto outras partes do país que já têm versões sofisticadas em restaurantes de renome internacional.

Além disso, muito do que consideramos cultura popular brasileira é, na verdade, cultura popular nordestina - o folclore, por exemplo, tem muitos elementos locais. Basta pensar no Reisado, que se espalhou pelo país tomando formas e nomes diferentes.

Chamado de Festa de Santos Reis ou Folia de Reis, o Reisado - bastante típico no Piauí, Sergipe e outros estados nordestinos - também está presente no Centro-Sul, em estados como Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás.

Além dos vários elementos presentes no cotidiano, a cultura popular nordestina se mantém viva em outras regiões a partir de esforços de grupos que lutam pela sua preservação e valorização. O Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo, e a Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, são alguns exemplos.

Apesar de conhecer e valorizar a cultura popular ser um passo importantíssimo para enfrentar a xenofobia, Ana Laura Godinho Lima, professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) orienta os professores a não se limitarem ao que é folclórico e histórico na cultura nordestina, que segue se transformando.

“Sem se limitar ao que é folclórico, ao que é considerado típico, à cultura tradicional, também é importante apresentar as produções contemporâneas, as novas experiências que vêm sendo feitas por pessoas e grupos de diferentes regiões do Brasil nos mais diversos campos, como fotografia, escultura, pintura, música, teatro e ciência”, aconselha Ana Laura.

NOVA | **escola**

• NOVA ESCOLA 2022 •

TEXTO

DIMITRIA COUTINHO

EDIÇÃO

TATIANE CALIXTO

DESIGN

DUDA OLIVA

ILUSTRAÇÕES

JULIANA BLANC

YASMIN DIAS

NATHALIA TAKEYAMA

